

A MORTE FAZ PARTE DA VIDA?

DANTE NEGRO



autografia

A MORTE FAZ PARTE DA VIDA?



DANTE NEGRO

A MORTE
FAZ PARTE
DA VIDA?

autografia

Rio de Janeiro, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M357m	Marques, Denilson. A morte faz parte da vida? / Denilson Marques. – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022. 74 p. : 14 x 21 cm ISBN 978-85-518-4816-6 1. Filosofia. 2. Teologia. 3. Jesus Cristo – Ensinamentos. I.Título. CDD 248.4
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

A morte faz parte da vida?

NEGRO, Dante

ISBN: 978-85-518-4816-6

1ª edição, outubro de 2022.

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Juliana Estevo.

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR	8
INTRODUÇÃO	11
DAS QUESTÕES DO MEDO DA MORTE**	19
A MORTE FAZ PARTE DA VIDA?	46
SE A MORTE FAZ PARTE DA VIDA: VIVAMOS!	51
APÓS A MORTE FAREMOS PARTE	
DAS MORADAS DESSE REINO DOS CÉUS?	59



AGRADECIMENTOS

Agradeço a produção deste livro à divina inspiração do Espírito Santo de Deus;

Aos meus familiares (esposa Edilene, filho Pablo e seus frutos: Micael e Pérola) e a todos os amigos que me acompanham na jornada no mundo das letras, motivo de uma inspiração sempre renovada e genuína.

Dados biográficos do autor

Dante Negro, Peudônimo de Denilson Marques, natural do Rio de Janeiro, escritor, poeta, ensaísta, artista plástico e design gráfico pela Control C, servidor público, formado na área de Ciências Humanas (Filosofia/UERJ e Teologia/IBADERJ), Psicanálise e Pós-graduação em Psicanálise pela SETEAD, participou das seguintes coletâneas de **Poesias e Contos, Grandes Talentos** (1993) pela Litteris Editora, **Devaneios** (1994) e **Mutações** (1995) pela Taba Cultural e a **Coletânea das 30 melhores Poesias de 2006**, pelo Jornal Koisas do Rio. Menção Honrosa no **Livro de Poesias, contos e crônicas dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro** (2000 e 2010), publicado pela Fesp e Antologia Poética do Grupo Meriti Fazendo Arte (2005) e do Prêmio de Poesia do Sesc/Tijuca (2005).

Publicou seu primeiro livro de poesia **Canções dos jogos do amor** em outubro de 1998 e a 2ª edição no ano de 1999, em seguida os livros:

As desatenções do amor e da vida (maio/2013 – 1ª edição) e **Sonetos da maturidade** (abril/2016) pela Letras e Versos Editora;

A celebração da amada (nov./2013 – 1ª edição e dez./2014 – 2ª edição), pela Editora Multifoco;

Drummondian, A arte de peneirar coisas no tempo (nov./2018) e **O espinho não fere a rosa**, Fontenele Edições, dez./19;

Simbologia da soberba humana – volume 1 (nov./2018 – 1ª Edição) e (maio/2019 – 2ª edição), **Sonetos da Ilha do Amor e Maturidade, Simbologia da soberba humana – volume 1, 2 e 3 e Autobiografia** (2020), Obra Poética (2021) e o livro de filosofia sob o título: **Da literalidade a abrangência do fator filosófico e A Filosofia desencapsulada ou do fator socrático** (2022), todos pela Editora Autografia.

Exposições:

- Expôs em 2006, no IPAHB – Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências da Baixada Fluminense, na exposição de Artes Plásticas “Verde e Amarelo” (coletiva);
- Expôs em três edições e recebeu menção honrosa, no Salão de Arte do Clube Naval, RJ (15º Salão do Mar, Abril-2007; 38º Salão de Belas Artes, Set-2007 e 46º Salão de Belas Artes, set-2015 (coletiva);
- Expôs no Espaço da Biblioteca da UnigranRio em São João de Meriti, com o tema “Universo Transversal” (individual);
- Expôs em 2020 na Galeria M. Blois em Ipanema, sob o tema Guerrilha na Arte (coletiva);
- Expôs em 2021 na Galeria M. Blois em Ipanema, sob o tema Reencontro por um mundo melhor (coletiva).

Moção de congratulações e aplausos pela ALERJ em 2013, quando na ocasião era Membro da Academia de Letras e Artes de São João de Meriti.

Contato: (21) 991442925 WhatsApp

Email: marquespoeta1963@gmail.com

Instagram: [artistadantenegro](#)

Facebook: Denilson Marques da Silva



INTRODUÇÃO

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"
(João 9:32).

Uma pergunta que muito nos inquieta e ainda não temos a capacidade de responder, se a morte de fato faz parte da vida, ao longo da história da humanidade e por vários tipos de ciências existentes no mundo, por mais que sejamos o supracitado da sapiência, até nossos dias, ninguém conseguiu responder de onde viemos, quem somos e para onde vamos, para não ser injusto com o que exponho aqui, na história do homem, somente um ser respondeu a essas perguntas que permeiam o tempo de ser e estar, um único ser no Universo, ainda que por especulação acredita-se ter vida em outros planetas. Este ser não foi um alienígena, habitou o planeta terra como nós habitamos, e é o próprio Jesus Cristo, que pelo registro da nossa história, se divide em antes e depois Dele, seria isso mera conjectura? Houve uma convenção mundial nesse sentido, por que isso, é tão impactante, acerca da pessoa de Jesus, que supostamente se Ele não tivesse existido de fato, teria tal relevância? Considerando o ponto de vista secular e, não necessariamente, dogmático?

Existem registros imutáveis acerca da Sua existência e natureza, além dos quatro evangelhos, a História Geral concebe Sua presença há mais de dois mil anos atrás, no mínimo como um profeta que passou por aqui, como todo simples mortal. Mas, em princípio não vou me ater sobre o ponto de vista da religião, como tábua de salvação, e sim procurar ser percuciente acerca dos aspectos da nossa existência e questionar realmente, a natureza do quanto caminharemos para entender enquanto vivermos, até o termo final de quando cada um de nós, haveremos de morrer, com mais ou menos dúvidas, a respeito

dessa questão! Ainda assim temos a oportunidade para estarmos conformados ou não, conjecturando que tudo acaba mesmo quando chega o fatídico dia da nossa morte? Ou não acaba como pensamos e imaginamos?

Acerca da pergunta se a morte faz parte da vida? Meu intuito aqui a começar a falar de Jesus, de fato é tão somente para dar um sentido a toda essa explanação, explicações e esclarecimentos que Ele disse e nos deixou como resposta, não teria eu condições nenhuma de fundamentar, sem buscar tais argumentos, se não fosse dessa forma por Ele e na pessoa Dele, ou seja, ainda que as correntes filosóficas e a religião venham corroborar acerca de tais assuntos, categoricamente, a Bíblia melhor fundamenta não de forma alegórica o que procuro demonstrar aqui, sob a referência que faço acerca de Jesus, Deus e homem ao mesmo tempo, se adequa ao fato de que faz parte da segunda pessoa da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Outras filosofias, ideologias e religiões, vão apostar e fazer o registro da história do homem, que ao final acabam bebendo na fonte das Escrituras Sagradas, a Palavra de Deus (denominada na nomenclatura hebraica como YHWH), a partir daí a explicação da vida e do Universo, sempre foi um grande assunto, tanto para a ciência como para a religião, em meio a todo esse processo o homem é o produto, ou sempre o assunto primordial a ser inquirido e pesquisado acerca da sua natureza.

No tocante a Jesus que, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fil. 2:5-8).

Poderia eu fundamentar aqui tal discurso, sob o ponto de vista de outros seguimentos religiosos e teses teológicas, mas pelo fato de não estender mais o assunto, para chegar no âmago da questão que vos apresento, foi sob uma ótica previsível, procurar buscar as ferramentas lógicas dentro do que as Escrituras Sagradas (a Bíblia), suficientemente responde ao que proponho e, outras religiões buscam ressonância ou de alguma forma absorvem pelo claro entendimento e doutrinas, que aumenta todo e qualquer cabedal de conhecimento, conforme é dito:

Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo? (1 Cor 1:12;13).

Ou ainda:

Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela Sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria. (1 Coríntios 1:18-22).

Procurei aqui e tomando a liberdade que Deus me deu e inspira, a tratar da questão argumentativa, fazendo a interlocução com Jesus, acerca da hegemonia de todo o discurso, como forma de balizamento para respostas, que não temos e devemos buscar, considerando que em

nenhum outro livro, onde figura e presença Dele (**Tu és o Cristo, filho do Deus vivo – Mateus 16:13-26**), registrado pelos relatos bíblicos acerca do fato de ter fundamental registro histórico e espiritual, desta forma poderemos encontrar sem muito esforço e pesquisa, elementos que vão ajudar a descortinar o véu dos mistérios, abrindo as janelas do entendimento humano, corroborando para ter um perfeito feedback, inclusive com outras ciências e religiões. Ter Jesus como mestre dos mestres, não é nenhuma coisa absurda ou espanto, considerando o papel Dele no mundo e no Universo, como um ser mais superior, além de todo e qualquer mortal em nosso planeta, Ele que:

“No princípio era o Verbo (ou logos), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. Nele (Jesus), estava a vida e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não o compreenderam”. (João 1-5).

Todavia, voltando a questão anterior acerca de saber, se a morte faz parte da vida, tive que iniciar todo esse processo para demonstrar, se faz parte ou não da vida, sob tremenda responsabilidade, não sou eu que vai responder tal coisa, ou nenhum outro homem habilitado para tal, ainda que as especulações espíritas, tentem responder sem fundamental base dos critérios de haver reencarnação, totalmente contrário do que a Bíblia relata *“da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo, assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez”. (Hebreus 9:27 e 28)*. Crer em algo diferente disso, é criar falsas esperanças e achar que você voltará aqui neste planeta outra vez, em outro corpo humano ou de um animal, para cumprir um ciclo de eterno retorno, uma missão em busca duma suposta evolução espiritual, sob pretensa chance de ser, um humano melhor e mais

evoluído? Além do que nós já somos? Estamos diante das questões da nossa existência, com todas as fichas, já apostadas nesta vida, para um sentido melhor ou pior do que pensamos e podemos buscar mudanças e transformações, onde o ciclo evolutivo se dá aqui mesmo, não noutra lugar ou outro plano existencial. O avanço e o recuo, com ou sem ajuda na travessia do deserto da nossa jornada, podemos deduzir ser quase impossível seguir, sem ter de fato um apoio ou ajuda de alguém, que faz parte da regra da vida e de todo nosso processo como ser neste mundo. Este mundo que Jesus dizia não se enquadrar nele, a não ser por estar aqui por um período de tempo, no intuito de cumprir uma missão específica, vejamos João 18:33-37:

Naquele tempo, Pilatos chamou Jesus e perguntou-lhe: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus respondeu: "Estás dizendo isto por ti mesmo ou outros te disseram isto de mim?" Pilatos falou: "Por acaso sou judeu? O teu povo e os sumos sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?" Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui". Pilatos disse a Jesus: "Então tu és rei?" Jesus respondeu: "Tu o dizes: Eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para isto: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz."

Noutra fala Jesus dirá sobre outras moradas em João 14:2-4:

Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou.

Ou ainda: ***“eu vim para que tenham vida e vida com abundância”***. (João 10:10). Meu intuito aqui não é falar de Jesus, como se fosse um alienígena, um extraterrestre que fosse nos levar para um outro planeta, que tivesse condições de vida melhor diferente da que temos aqui, muito pelo contrário Ele apostou em nós, na nossa forma de vida e no mundo que vivemos! Se tratássemos Jesus como um extraterrestre, um alienígena, a palavra de Deus seria controversa, como se o mundo que Ele preparou para nós, não prestasse e fosse condenado, daí seria um contrassenso tremendo no que foi dito em Gn.1:31: “E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito **bom**. E foi a tarde e a manhã, o dia sexto”. Desta forma, não teria lógica, além do nosso planeta, nosso mundo, fazer outro com a mesma condição de vida que temos aqui, ou reduplicar outros seres iguais ou diferentes de nós, a julgar serem mais superiores, e por quê? Além de nós, noutra dimensão? Não necessariamente outros planetas habitáveis, pois está registrado nas Escrituras, existirem no plano espiritual, anjos que são ministros de Deus, para nos servir e serem nossos conservos:

Ora, a qual dos anjos Deus alguma vez declarou: “Senta-te à minha direita, até que Eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés”? Não são todos os anjos, espíritos ministradores, enviados para servir em benefício dos que herdarão a salvação? (Hebreus 1:13-14).

Fomos projetados para viver neste planeta, e com certeza não com tantas mazelas e problemas que tem nos assolado. Em virtude disto, o Criador nos colocou primeiro no jardim do Éden (o Paraíso), todavia a desobediência do homem, mudou o curso de sua própria história que ocasionou no seu sofrimento e padecimento, o pecado passou a ser o grande prejuízo de toda humanidade. Daí poderíamos entrar em questões teológicas, a perguntar por que Deus plantou duas árvores no jardim, a da vida

e a do conhecimento bem e do mal, e por que apareceu uma serpente para persuadir a Eva? E, por que Adão se deixou ser persuadido, da mesma forma? Antes disso tudo acontecer chegou ao ponto de Lúcifer (satanás), que era anjo de luz, se rebelar e levar consigo a terça parte dos anjos. Que também os havia persuadido e posteriormente fez o mesmo com Eva?

Então a serpente (satanás) disse à mulher: certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele (do fruto proibido) comerdes se abrirão vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. Gen. 3:4;5.

A pergunta seria então por que Deus deixou o mal entrar na humanidade, ou se o homem já trazia consigo isso na própria natureza? Se Lúcifer, que era anjo de luz e deixou de ser o que era, para se tornar o adversário de Deus, sendo conhecido como Satanás, o acusador. Por culpa de si mesmo, a partir duma sequência de erro e queda da antiga serpente que passou a ser, bem como os erros de Adão e Eva? Era previsível ou imprevisível? Houve permissão? Claro que sim, não consentimento de uma rebelião e desobediência, que consequentemente trouxe implicações e responsabilidades, para todos os seres criados por Deus. O que também seria contrassenso, admitir que o mal foi gerado por Deus, ou que por ter dado liberdade à Sua criação (anjos e homens), de apostarem no erro ou de no mínimo falhar, deveras deu-lhes o direito de escolha para bem discernir, sob condições de entender o que é certo e o que é errado, sob Sua orientação decidir acerca do que era correto fazer e agradasse ao seu Criador, não obstante tanto Lúcifer quanto o homem se deixaram encher de vaidade e curiosidade exacerbada para confrontá-lo?

Vejamos:

Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência. (Deuteronômio 30:19).

Não temos como tentar entender a natureza de Deus, de como Ele pensa, de como Ele age, se tem um cérebro semelhante ao nosso, apesar de que fomos feitos Sua imagem e semelhança (podemos supor que no mínimo estamos na Sua mente, e através dela fomos formados) e, desde Adão a Jesus Cristo, há autênticos registros, e comprovação, porque "assim está também escrito: *"o primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante"* (1 Cor 15:45).

DAS QUESTÕES DO MEDO DA MORTE**

I

Pensar, às vezes, causa agonia, quando melhor é não pensar em determinadas coisas, como pensar que um dia vou morrer, como todos vão morrer um dia, pois sei que tenho medo de morrer e fico assustado. Só em pensar na possibilidade da minha morte tão próxima do que imagino, morte que não é minha coisíssima nenhuma, mas me acompanha, me espreita tal o animal predador em busca de sua presa, pois ela – a morte – me acompanha e é real, ela existe não existindo, ela me apavora, me tira tudo, até a vontade de viver, me joga no limbo. Ela é abstrata pela maneira de ser o que ela não é pelo que ela é, a presença possível de ser uma coisa nem outra na existência de alguém, não sei se é uma perda, mas perda de quê ou de quem, perda do que se perde, quando não se ganha:

Um cenário imaginável é que, após a morte, a variável tempo não existe. Então, passado e futuro se fundem e estaremos vivendo o passado (onde já estivemos), e o futuro não existirá, pois se não tivemos o futuro como poderemos vivê-lo, tão pouco poderemos distinguir passado de presente ou futuro. Jamais veremos nossos parentes lamentando nossa falta porque isso acontecerá no futuro que não temos. Assim, a nossa falta só será sentida por aqueles que nos observam, ou seja, que continuam vivos.¹

1. Roberto Dantas, Paulo. A física da Mente. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Ed. Autografia, 2007.

É perda para quem fica ou para quem vai? Para quem, sendo abraçado por ela, levado para além, para o além, além do quê? A morte é sem noção nenhuma do que julgamos como certo ou errado dentro dos nossos conceitos; ela é um enigma, um mistério, a morte ao mesmo tempo não é nada, não é sujeito nem objeto, sequer predicativo do sujeito, embora seja não sendo, resume tudo, tudo em nada, nada em tudo, de uma forma dialética e angustiante. Não obstante, sentimos que ela vem não vindo, quando menos percebemos, chega... sem dia nem hora marcada para atingir sua finalidade. E, porque nos apavoramos com medo dela vir, não vindo, se vem, se quando vem nem sabemos. Ela nos deixa apenas motivo de suspense, expectativa, delírio, sofrimento, dor, palpitação e mistério. Ela é meu fim, minha razão de não existir mais, se fui quem pensei que fosse quando não era, ou não passou de um sonho? Ontem tive um pressentimento ruim, como se a morte estivesse batendo à minha porta, como se fosse a badalada de um sino e a repetição do Corvo de Poe (poeta inglês), a dizer: "nunca mais, nunca mais". Me segue como uma sombra, estranho como ela é tão íntima de nossa existência, e é uma coisa, uma presença incômoda, indesejada, visita repudiada, mas nem sempre quando é almejada, se é que se deseja, mesmo sem saber o que ela de fato é, e mesmo assim o suicida ousa e a procura feito quem tem sede, subvertendo a ordem natural das coisas, provocando sua morte, antes do tempo que uma força maior do que pensamos, predeterminou para cada ser existente, ter seu fim próprio, quer seja por acidente, doença e validade no sentido limite da existência de um ser, e em detrimento outros fatores e eventos?

Sei que a morte está para além de nossos conceitos e compreensões, titularidade, prêmios, sucessos e insucessos, sonhos e realizações, boas e más ações? A morte não me deve nada, nem eu a ela! Não quer saber se somos analfabetos, graduados ou pós-graduados, mestres ou discípulos, se temos ou não pedigree. Temos que reconhecer que independente de sermos ricos ou pobres,

ante a sua neutralidade, imparcialidade e indiferença, não está nem aí ao que podemos atribuir a ela, ou não, embora seja na forma de atuar o mais perfeito exercício da democracia, tão absolutamente relativa, real na mais completa supra realidade, mas o melhor termo atribuído a ela é imparcial, por não fazer acepção de pessoas, sem fazer distinção de credo, idade, sexo, posição social e outros. Ela promove um romance fatídico que não queremos ter com ela, no instante que nos ama também nos abandona, acredito que vem daí o termo: o beijo da morte. Decerto, que este beijo eu não quero, muito menos você! A morte é a morte, invisível e palpável ao mesmo tempo, boa e má. Falar da morte de forma predicativa é como falar da vida e de Deus do mesmo jeito, não existe fórmula nem linguagem, maneira sintática que defina, interpretação que se faça, tradução que se busque dizer o que já tendo existência em si mesma, por ser o que já é independente dos nossos critérios de juízos, é sempre chover no molhado. No livro de Êxodo no Antigo Testamento, Deus diz: "Eu Sou". E a morte é o que ela é, porque não se predica dela mesma, ser algo contrário a si mesma, portanto a morte é, quando deixa de ser! E atribuir outra coisa será sempre diferente de si própria, ela se faz necessária, na extensão da nossa própria existência de dores e valores que temos ou atribuímos a nós mesmos?

A morte está sempre associada ao termo perda, obscurecemos o próprio termo, porque a palavra perda não é morte alguma, é perda no sentido de falta e vazio, que apenas prefigura ou se aproxima do que venha a ser o sentido da palavra morte. Mas não é o caso aqui, a questão da linguagem desta ou qualquer outra forma que atribuímos não é limite de coisa alguma. A palavra compõe uma frase, entre o texto e o contexto, como a palavra "amada" no plano real do mundo físico habita no pensamento que a deseja e quer assim, por uma coisa maior que sustenta isso, que é a palavra "amor", que nos remete ao que é agradável, a boas lembranças e normalmente trafega entre a "posse" e a "saudade", entre partidas re-

partidas, nas contingências da vida entre aproximação e distância, sempre é um jogo de forças, que envolve tempo, espaço e esperança! Vontade de estar perto, estando longe, quando o amor nasce e morre na presença e não-presença de nós mesmos! Ir e vir é fluxo e refluxo, e a morte no amor também está presente durante o êxtase, a sensação do gozo é o desfalecimento do corpo, como há uma erotização entre o vento e as marés, a lua e a noite e, a fatídica ação da aranha viúva negra que come a cabeça do macho após a cópula.

Todavia, o termo morte, apesar de não sabermos o que ela é, salvo o fato de saber que houve perda, mais invisível que visível, uma vez que o cadáver que está ali à nossa frente tornou-se matéria comum inanimada, tal pedra, areia, palha, madeira, osso, gesso ou qualquer outra coisa; o cadáver que está ali é a nossa face da moeda do outro lado lançada no tempo, pro alto a esperar cair na mão tanto a cara quanto a coroa, um destino previsível, porque todos nós haveremos de passar um dia de um jeito natural ou por acidente de percurso, mas esta morte no cadáver não somos nós, por não mais estarmos ali, no corpo onde habitava o fôlego de vida (e formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente – Gn.2:7-25), que nele, corpo desfalecido já não habita mais.

O filósofo grego, Epicuro (341-270 a.C.), com propriedade mencionou acerca de tal assunto: “A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais”. Completamente destituída de vida, a pessoa não é mais o que é, ou deixa de ser! Nem a remota esperança de alguma coisa que tenha sentido, mesmo que antes de seguir o enterro, no velório ainda tenhamos a expectativa de que o morto por milagre possa abrir os olhos e despertar tal uma princesa que recebe o beijo do seu príncipe, como na história da bela adormecida ou na ressurreição de Lázaro,

após ter permanecido quatro dias no sepulcro. Mas em nossa história, se é que abrimos os olhos, se despertamos ou acordamos, é para uma outra realidade que não temos nenhuma referência que possamos compreender na terra dos vivos, ou seja, nosso mundo.

II

Por muito pensar nesta questão, fiquei confuso de chegar a uma conclusão que fosse precipitada e para não embaralhar mais minhas ideias, aos poucos procurei de alguma maneira compreender que quando queremos muito uma coisa nem sempre a temos, como pensamos ou desejamos e nem costuma acontecer e parecer na hora, no momento que tanto almejamos. Daí vem toda angústia humana em relação às pessoas que amamos e aos objetos que desejamos, certamente que atribuir em certos momentos da vida ser a vontade de Deus. Vezes nos angustia ou causa conforto, dizemos “não foi a vontade de Deus, Ele não quis assim, não permitiu, não foi o tempo Dele”. Esta relação de tempo e vontade de Deus são aspectos subjetivos, psicológicos, que carecemos e cremos conjecturando em nossas próprias mentes, arbitrando o que vem a ser de melhor para nós, buscando respostas naquele momento que a necessidade se apresenta, e nos acalenta de acordo com a interpretação, que bem entendemos ou julgamos como tal, por conforto ou conveniência, quando muito é obra do acaso, coincidência, sorte, seja lá o que for. Vontade de Deus, nem sempre corresponde aos nossos anseios, de acordo com a nossa própria vontade e vaidade, mas botamos fé de maneira diferente, e nossas orações não passam do teto, sem chegar ao trono da graça, no centro de Sua vontade. Se Deus não ignorasse muito do que pensamos e pedimos, Ele seria nosso amuleto da sorte, parecendo o santinho

que você lustra ou muda de um lugar para o outro. Deus tem propósitos maiores para a vida do ser humano, que diversas vezes aparenta estar de recreação no seu modo de ser e existir! Mas o que seria tal coisa quando nos referimos a um ser incriado?

Não muito diferente considerar que a vontade de Deus, venha a corresponder à nossa, o que decerto nos contraria na maioria das vezes, em detrimento do que pensamos, ou julgamos suprir nossas necessidades ou vontades, normalmente está na contramão do que Ele predestina para nossas vidas, embora muito do que queremos ou desejamos está fadado ao insucesso, quando muitas obras que julgamos plausíveis são reprovadas, ao pensarmos serem aprovadas. Decerto que Deus ao respeitar o nosso livre-arbítrio, deliberando autonomia e ação nesse sentido, está no comando de todo Universo, e, conseqüentemente de nossas vidas! Mas compreender de qual e tal maneira Ele age, foge completamente ao entendimento humano, não há uma forma ou fórmula para falar sobre as coisas de Deus, ainda que nos esforcemos teológica ou filosoficamente, sempre vamos estar na superficialidade de um mar de águas mui profundas, que sequer podemos imaginar! Ainda mais a pretensão de falar de Deus e pregar o que Ele venha a ser, sob o nosso ponto de vista antropomórfico (descrito ou concebido sob uma forma humana ou com atributos humanos*). Mas, se eu creio que Deus não existe, e a morte não existe também, eu sou eterno, e me coloco no lugar Dele, não sendo nem eu nem Ele, o que sou. Embora se algo ou alguém, me pôs nesse planeta, não devo ser tal e qual, este "algo" ou "alguém" me faz ser semelhante ao que é e deve ser? Sou a partir dessa relação ou fora dela? Sou importante para mais ou menos? Talvez a resposta que me consola venha ser, que eu seja mais importante para Deus, do que para a morte. E, posso ter mais certeza ainda que Deus nos fez como seres mais excelentes do Universo, e se isso faz parecer ser muito utópico e romântico, não posso colocar Deus nessa categoria, nem me co-

local tão especial além do que Deus me considera. Mas, não creio em momento algum, que dentro daquilo que Ele projetou para o ser humano, para o que sou e você é! A morte a nosso respeito venha a dar a última palavra no cenário da nossa existência, por isso vamos prosseguir e tentar entender isso um pouco melhor.

Quando falamos acerca da vontade de Deus, podemos indagar se a vontade Dele fosse para que morrêssemos ou não? Ainda que diga, que do pó viemos e ao pó retornaremos, e que ao homem é dado morrer somente uma vez, depois disso seguir o juízo, com base nas passagens bíblicas registradas aqui, tenho a ligeira impressão, que ao fazer o homem limitado e com suas fragilidades, nos parece ser previsível que o homem material, que se expressa em contato com o mundo de forma tangível, corporal, tem um fim predeterminado no tempo e no espaço; acerca deste homem com natureza tão débil, sabendo Deus que fraquejando diante da tentação e/ou tentações, a começar pelo primeiro casal (Adão e Eva), que testados não foram aprovados, e que acerca disso é dito: "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor". (Romanos 6:23). Decerto, que nos deixou uma alternativa melhor, do que a morte, a "vida eterna"? Onde ela começa e onde ela termina em nossa mente? Se é que podemos conceber ou imaginar, uma vida além da morte? Uma vida eterna? Se é assim, a morte não faz parte da vida?

Contudo, se analisarmos nossa constituição, naturalmente por questão biológica e ação do tempo que atua sobre a matéria, que se putrefaz, a exemplo do que Jesus disse: se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto". (Jo 12,20-33). Ou seja, dentro desta ótica a morte é um processo natural, e poderia ser um ponto final nessa história, se não fosse esclarecido no versículo acima, de que o homem morre e depois está sujeito a um

juízo, neste caso, não é tão somente morreu acabou, e se respondermos haver algo pós morte, o corpo pode virar pó, se desfazer e ficar sepultado para ser alimento para vermes e formigas. Percebemos que somos tabernáculo de algo maior, interpretado por "espírito" e/ou "alma", que não se encerra aqui neste plano, como um fim em si mesmo e nos projeta para além do que nos faz mover e existir: "Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Cor 6:19). Como é isto? Entendemos pelas leis da física, que dois corpos não podem habitar o mesmo local no espaço, logo se temos um "espírito", não poderíamos ter um outro "Espírito", mas a palavra de Deus, explica de forma surpreendente:

O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. (Romanos 8:16-18).

Então, a pergunta que sobrepaira nossas cabeças, embora nos deixa ficar deveras confusos, do que em pleno conforto acerca do relato bíblico que, pós morte poderemos estar noutro mundo, além do qual nós conhecemos, e haveremos de habitar? Que deveras a habitação do Espírito Santo em nós, nos faz santos para adentrar na santa cidade?

Nela (na santa cidade, a nova Jerusalém) jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro. Apocalipse 21:27.

Em contrapartida, é dito de maneira diferente, noutra condição em que o juízo mencionado define o destino dos homens entre os critérios da sua salvação ou condenação?

E adoraram-na (a besta; um ser designado como Anticristo) todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. (Apocalipse 13:8).

E, que para tal propósito e salvaguarda Deus promove um recurso que resgata o homem, como ser ancestral e espiritual, assentado nos lugares celestiais com Cristo que nos esclareceu diante de todo esse cenário que fomos preparados para algo maior do que viver no planeta terra, quando diz: *“na casa de meu Pai há muitas moradas e que prepararia lugar para nós”*. A priori, vejamos o que diz o livro de 1 Pedro 1:18-21:

“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio Dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus”.

Tudo isto, quer por uma visão que nos faça entender ser predestinação ou não, aqui não é o momento de eu discursar sobre tal assunto, ao menos nos reporta e comprova, que pelo menos neste plano físico, a morte não dá a última palavra, em detrimento de um outro plano, o plano astral ao qual também estamos sujeitos, e a palavra de Deus menciona acerca de um tribunal e julgamento pelo qual o homem haverá de passar e responder pelos seus atos, neste plano físico. Sendo assim, todos os homens e mulheres, estarão sujeitos a um “Juízo Final, o Dia do Juízo Final, ou Dia do Senhor na Bíblia, é o julgamento final e eterno feito por Deus

sobre todas as nações. Este momento terá lugar depois da ressurreição dos mortos e da Segunda vinda de Cristo ou Parúsia." (Apocalipse 20:12-15). *Ainda assim a título de esclarecimento demonstrar aqui para não ficar dúvidas do que se trata "predestinados" e "escolhidos" desde a fundação do mundo, vejamos Apocalipse 14:1-5:

Então vi o Cordeiro em pé no monte Sião, e com ele estavam os 144 mil que tinham o nome Dele e o nome de seu Pai escritos na testa. E ouvi um som que vinha do céu, como o som de fortes ondas do mar, como o som de um poderoso trovão. Era como o som de muitos harpistas tocando juntos. Esse grande coral cantava um cântico novo diante do trono de Deus e diante dos quatro seres vivos e dos 24 anciãos. Ninguém podia aprender o cântico, a não ser os 144 mil que haviam sido comprados da terra. Eles se conservaram puros, sem manter relações com mulheres, e seguem o Cordeiro por onde quer que Ele vá. Foram comprados dentre os habitantes da terra como oferta especial a Deus e ao Cordeiro. Não mentem; são irreprensíveis.

Ou seja, condição de predestinados ou escolhidos, não configura que desde a fundação do mundo que Deus tenha escolhido, quem estava destinado para condenação ou salvação, sabendo que nos deu escolha e nem faz acepção de pessoas, que através do único sacrifício de Cristo, elegeu toda humanidade para a salvação, nos elegeu além de criaturas, sermos de uma maneira muito especial também filhos de Deus? Se há um processo no tempo para que de uma coisa à outra se cumpra Sua palavra a nosso respeito, deixou claro que cabe mais a uma ação e compromisso nosso do que Dele? Pois nos institui como "coroa da criação":

Sendo assim, o SENHOR modelou, do solo, todos os animais selvagens e todas as aves do céu e, em seguida, os trouxe à presença do homem para ver como este os chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse precisamente seria seu nome. E, desse modo, o homem nomeou a todos os animais: os rebanhos domésticos, as aves do céu e a todas as feras. Entretanto, não se encontrou para o próprio ser humano alguém que com ele cooperasse e a ele correspondesse intimamente. (Gn.2:19-20).

Somos criaturas ou filhos de Deus? A condição plena entre uma coisa e outra teologicamente, tem a seguinte compreensão que nos distingue de sermos simples animais ou seres angelicais, embora o processo que nos aproxima da santidade de Deus, começa naquilo que nos inspira: *"como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo". (1 Pedro 1:15-16).* E, nossa caminhada ou a chance que nos impulsiona começa em três chaves principais:

- Santificação* é a dedicação a Deus, se separando do pecado. Quando uma pessoa aceita Jesus como seu senhor e salvador, acontece a santificação;
- Justificação* é o ato de declarar alguém como justo, ou seja, que não merece castigo. A justificação mencionada na Bíblia só é alcançada através de Jesus;
- Glorificação* é o estágio final de todo plano da nossa Salvação. O apóstolo Paulo descreve a sequência do plano de salvação e a glorificação é o último estágio. "E aos que predestinou, a esses também chamou; a aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou." (Romanos 8.30).

III

Falar de religião como conforto para a alma nos traz à baila no mínimo um assunto interessante a respeito do que entendemos como qualidade de vida e bem-estar. Não obstante, comparar a atitude filosófica com os aspectos da religião, não tirando assim o mérito nem de uma nem de outra, não diverge no tocante a tudo aquilo que edifica o entendimento e saber humanos, considerando a instrumentalidade específica da filosofia que busca tal a ciência, verdade e esclarecimentos ainda não revelados ou a serem descobertos? Através dos fatos que devem ser pesquisados e testados, entre critérios lógicos e empíricos, eleva a filosofia a uma categoria distinta em relação à religião, não como critério de grandeza, mas princípio epistemológico, pela ótica da ciência natural. Salvo melhor juízo a proposta da teologia que permeia entre o que é natural e sobrenatural? Não creio assim por tal distinção, achar que uma possa excluir a outra; ambas de alguma forma vão lidar com questões relacionadas à metafísica (ontologia do ser), assuntos correlacionados à dedução e à indução, são interconexões entre a filosofia, ciência e religião. Pois a área do saber vai muito além das questões que a racionalidade possa definir e a fé é uma delas, que não se conjectura simplesmente por critérios lógicos, bem como a imaginação e o sonho, mesmo reconhecendo a balizada interpretação de especialistas como Freud, Jung, Lacan e outros, que vão discutir tais assuntos no campo da psicanálise. Verdade é que a complexidade da natureza humana é um oceano de mistérios insondáveis e por mais que o homem procure desvendar a si mesmo e o Universo, cairá sempre no lugar comum, um labirinto de dúvidas e questionamentos sem respostas precisas e prováveis, capazes de satisfazer o âmagos de cada um de nós.

Assim, tráfegamos buscando respostas, tentando desvendar e descobrir durante a vida toda os enigmas do Universo. A vida ainda é pouca para satisfazer a sede

do homem pelo saber, uma vez que suas complexidades, diferenças e contradições o enreda, como uma teia de aranha, ao ponto de negar a existência de Deus e de si mesmo? E, via de regra a si mesmo, sabendo que toda criatura pressupõe um Criador, desta forma constatamos reconhecendo a homem criatura criadora, mesmo que no campo das invenções e realizações que produz ao longo de sua existência, sabemos nós que o homem de fato é o único ser capaz de tal façanha, perante um Ser supremo. Embora em relação a este ser que é Eterno e imutável, nós seres humanos somos mortais e mutáveis, que nos coloca no cenário do Universo, como um grãozinho de areia no tempo e no espaço; amanhã poderei não estar aqui e meu não-eu deixará de ser uma forma de expressão que me possa revelar quem sou, minhas bagagens ficarão no mesmo estado anterior de desarrumação, ou seja, não arrumamos esta mala como se fôssemos partir amanhã, para sempre a qualquer momento não marcado, por tanto morrer, como se morre todo dia e cada instante?! Não. A mala que arrumamos está sempre no campo das ideias; na ideia de coisas por fazer e realizar, a mala existe com um monte de objetos idealizados e descartáveis, do que se guarda e se perde no tempo. E somos pegos de surpresa antes de tentar pensar o impensável.

Falo de uma morte definitiva, uma morte que acontece sem mandar recado da chegada, mesmo que a possamos presumir, e o fato de morrer ainda nos assusta tanto que às vezes, nos tira do eixo, e com falta de senso para se pensar em outra coisa menos assustadora, que nos impressiona. Todavia, aspectos como fazer inventários, testamentos e seguros de vida é de alguma maneira se preparar para o pior. O pior para o que pensamos da ideia de pior, sim... a morte talvez seja o pior, mas para a vida de outros, talvez, não venha a ser bem assim, se o pior é o que passamos nesta vida, ou noutra que se projeta além, como achar ou concluir que há um sofrimento após a vida, e padecer no inferno, por toda eternidade? Ou seja, ideia de eternidade não é fato que concebemos,

não cabe em nossa forma de pensar, pois tendemos a ser materialistas e consequentemente deterministas demais. Neste caso, a ideia de inferno, ou tal realidade, instrui o ser humano, no afã de compreender a noção do que seja, quando alguém ligado aos conceitos bíblicos, melhor se informa e se instrui acerca do que a religião imprime e, o indivíduo queira compreender que a morte não dá a última palavra, que deveras estamos predestinados a ressuscitar para sermos julgados, que o critério de salvação por Cristo nos garante sermos salvos desse inferno, e de que habitaremos no reino dos céus?

Se a Bíblia garante duas realidades, não nos isenta de ter como destino dois caminhos que possamos estar em duas categorias, entre os salvos e os condenados, agora a forma de pena e cruel destino, não podemos traçar paralelo com nenhuma referência que temos em nossa dimensão, no mundo em que vivemos! A salvaguarda é de que o que foi imputado por condenação a partir de Adão, temos uma genuína defesa com a vinda de Cristo, há mais de dois mil anos atrás, que nos liberta do jugo do pecado por um único sacrifício feito na cruz do Calvário, nos dando acesso ao trono da graça e destronando o vitupério da vergonha e da dor ancestral do pecado, que nos expõe: ***"porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo para o mundo, tanto diante de anjos como de homens". (1 Cor 4:9).*** Quem compreende isso como alegoria ou mito passa a saber que não somos tão somente como uma pedra ou animal comum, uma ameba, um galho ou qualquer coisa, no campo da existência, predestinados de ter consciência, nos foi imputado de responsabilidades que nos enquadram entre o que pode ser benção ou maldição, pois a leitura em função do que o homem é não há como fugir do destino que o Pecado Original é um estigma para a natureza humana, e como lidar com isso? Tal uma dívida que nos acompanha, sabemos que está lá, mas não queremos pensar nem mexer nisso, é mais fácil como varrer o lixo e jogar pra debaixo do tapete.

Mas existe e está lá! Podemos nos dizer sábios e evoluídos demais, no entanto, quando se descortina o término da existência de cada um de nós, pode não ser uma surpresa, aquilo que ignoramos e a Bíblia como manual de vida deixou registrado, que não há em nenhum outro livro, melhor registro do que a natureza humana é, formada por Deus do pó da terra. Há tantas implicações na vida de cada um de nós, tantas soluções insolucionáveis, tantas coisas por fazer que já foram feitas e refazemos, nos amamos e odiamos, por simpatia e antipatia. Eu aprendo a amar meu irmão, por que nunca pensei nisso, dele ser meu irmão, sem que haja laços de sangue? Aprendo e desaprendo a querer e malquerer, sou um, em um milhão, daqueles que julgam e apedrejam também e daqueles que como Judas friamente agem pelas emoções de forma intempestiva, sem medir o mal que pode causar, ou achar que é uma maneira de se beneficiar e pronto, do mal que cometem, mesmo quando não se pensa cometer?

IV

Diante dessa mala que trago comigo, que sou, nela contêm valores subjetivos e subversivos, onde tudo que se coloca são nossos anseios nocivos, uma ideia de mim mesmo e dos outros em mim, da aparência e da transparência, algo de manter o elo com este mundo como ideia de eterno retorno, como ideia de permanência e de desintegração do meu ser-outro, quando sou quem sou não sendo nada do que presumo, mas trafega em mim tal falsa ilusão; uma falta de chão e perspectiva, trafega em mim um motivo de não querer mais que bem querer, tal argumento me agoniza, me aniquila, quando a todo tempo tento ser um outro além das possibilidades presumidas, da incerteza de atingir metas, da inconclusa

necessidade de estar onde não me encontro, quero ser deus, quero me multiplicar, ao mesmo tempo que a unidade me resume na multiplicidade, me tortura pensar em algo que persigo nos meandros do ser, meu ser transitório é o limite do meu anseio, da promessa de que não posso dar um passo além do que penso, ousar, insisto, e fico aqui parado, esperando o próximo bonde, mesmo sabendo que ele não vai passar, mas ele passa, e todas as minhas decepções seguem nos vagões do paraíso perdido e fracionado em mim. Decerto, que nenhum ser humano fica para a semente, todos têm prazo de validade a vencer, quer seja natural ou espiritualmente falando.

Mas voltando a questão da mala e das bagagens que carregamos ao longo da existência, sempre haverá um lugar vazio no interior do nosso ser, mesmo quando presumimos ter excesso de peso na grande partida. Não obstante, à medida que vamos envelhecendo, presume-se que haverá de ficar mais leve, como se desfizéssemos de coisas e objetos nas pequenas viagens que fazemos, como se fossem partidas repartidas. No entanto, o que nos leva a pensar em levar menos do que devíamos levar, a cada viagem que fazemos, deixando desanuviar de coisas, deixando de entulhá-las por que não servem mais? Ante o nosso senso de não achar que temos tremendo fardo? A bem da verdade o avançar da idade não significa prerrogativa de que já estejamos abrindo a tampa do caixão, esta relação de causa e efeito não configura a veracidade dos fatos, senão qualquer outra pessoa independente da sua idade, também não estaria fadada a morrer, não partiria desta vida, mais cedo (tenra idade) e outros mais tarde (velhice). Verdade é que a cada dia estamos morrendo, a cada dia nossos tecidos morrem, células envelhecem, os cabelos caem, a memória falha, os dentes nos abandonam, um por um. Meu Deus, estou ficando velho... e para piorar sinto o bafo da morte que se aproxima, como um leão faminto, em busca de sua presa, vítima indefesa, indefesos, nós?! Sim, motivos não sei nem como nem por quê. Culpa nossa?!

Talvez... prefiro crer que fomos culpados desde o início, desde os primórdios, colocar culpa achando que somos descendentes de uma espécie de símio? Seria muito fácil, nós sempre agimos e pensamos por nossas pretensas conclusões, entre uma livre vontade ou arbítrio? Em tese, somos completamente diferente de qualquer tipo de animal que existiu e existe em nosso planeta. Nós, os filhos de Adão, culpamos a Eva, a antiga Serpente, culpamos a Deus, menos a nós próprios?! Ou achamos que essa ideia de uma culpa é besteira, que não pecamos, que estamos aqui por acaso, por obra do destino que fez tudo que existe e a própria natureza humana na sua constituição, ter surgido e guiado nossa vida sendo um passe de mágica, do nada em determinado momento no campo da existência, ganhou vida e pronto? Sem nenhum autor dessa história toda?

Todavia, como falar de Deus incomoda tanto e até nos causa angústia? Ou nada incomoda se não cremos que Ele existe? Como não admitir que há um Criador de tudo que compreendemos ser o Universo, e não imaginamos sua dimensão e extensão? Enfim, em que ponto crer ou não crer vai demonstrar para nós, o fato da morte fazer parte da vida ou não? Faz parecer contrassenso sendo Ele autor e consumidor da vida. Vida que não pertence ao homem, que não chega a existir pela sua própria vontade e nem deixa de existir da mesma forma que chegou? Nesta sequência, a culpa de que falo é algo que após havermos sido criados, em um determinado tempo no jardim do Éden, houve um princípio de desobediência, que desencaminhou e, conseqüentemente, toda raça humana em virtude disso se degenerou, em relação daquilo que de fato éramos, em detrimento do que somos, certamente que a condição da nossa natureza humana nos inseria com um aspecto de excelência no cenário do universo, antes de haver a decadência em virtude da doença e da morte, que passamos a herdar. Nosso jardim morreu? Não existe mais? Ou o nosso Éden ainda é uma realidade, um lugar ou local que não foi

extinto, e está à nossa espera, para que possamos habitá-lo outra vez, além da virtualidade, mas na realidade do que Deus tem e preparou pra nós? Eu creio!

Creio que nesse jardim ainda podemos florir e exalar o bom perfume da adoração e fé, de louvor e comunhão com Deus. Será que ainda sou especial por ser humano? Mesmo diante da dor e sofrimento, com toda falta de senso e discernimento, com toda angústia que há em mim, toda ignorância e intolerância, embora saiba que tudo que há em mim, o verme e a terra consumirão, ou absorverão os elementos que lhes pertence por também sermos constituídos de matéria, que se putrefaz. Sei que a natureza não diferencia valores no campo da existência, um ser é um ser, quer seja animado ou inanimado, o aspecto que vai diferenciar está noutro plano ontológico/psicológico, mais do que biológico/fisiológico.

E o que é o homem, em que plano está, se tão somente enquadrá-lo como ser social-animal-racional? Ou pó e mais nada? Se partimos dessa premissa, para avaliar o homem, veremos que não difere de uma flor, uma planta, uma formiga, uma pedra, certamente, todas essas coisas existem, e são o que são, contêm essências próprias. Diria que algo a mais, que o faz discernir e se expressar, que o projeta além das coisas mais comuns, que o diferencia dentre as coisas elementares e o faz pensar e agir diferente, não está tão somente restrito a consequências e circunstâncias. Este ser que vivencia a dicotomia homem/animal e homem/espiritual se distingue por aquilo que o vocaciona a estar enquadrado no Cosmos, de uma maneira outra, diferente, tendo uma missão mais excelente do que ele pensa a respeito de si, uma medida, uma fórmula, um tempero, um motivo que seja mais superior, do que nossa própria consciência possa presumir diante dos olhos de Deus. Embora a visão evolucionista o enquadre como objeto do próprio meio, sem uma perspectiva que o projete além da física, além do que seu *habitat* natural o restrinja, condicionando ao *status quo* ou *conditio sine qua non*?

Decerto, crer no homem é crer Naquele que o fez, muito mais além do que ele pensa de si ou para si, crer no homem é saber que temos esperança e salvação para a humanidade que buscará sempre em si mesma um sopro de esperança, um sopro de Deus? Embora seja o mesmo sopro expirado nas narinas de Adão, proveu no ventre de Maria o nascimento de Jesus (o verbo encarnado). Agir pelo pessimismo e pela desesperança, angustiar-se e desesperar-se é assinar uma sentença outra, antes do tiro de misericórdia, como se a roleta-russa fosse a única solução, é antecipar-se à morte? É tão somente apagar a luz e bater a porta da nossa própria existência, aqui neste planeta; fechando-a e nos fechando para a vontade de viver e ser feliz? A despeito de todas e quaisquer crises que atravessamos ao longo da história da humanidade, sabemos que devemos cuidar, mais da vida do que pensar na morte, que nada é enquanto vivemos e nada haverá de ser depois que ela nos alcança, e nos fazendo não ser nada, nada mais ela é quando deixo de existir, a morte pode me superar, me vencer, mas nunca apagará meu registro histórico no tempo e no espaço.

Assim podemos perguntar:

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor! (Romanos 8:35-39).

E, quando tenho certeza de que existe um Deus e creio Nele, estarei Nele além de mim, além do que sou, me eternizo na Sua infinita graça e misericórdia, me faço eterno e infinito na extensão do Seu ser, não sou mais nem menos, nem pouco ou muito, sou possibilidade de encontro e reencontro através de uma fé maior do que eu mesmo posso acreditar. E o que vai validar as escalas de valores de cada um de nós, sempre será pelo que temos de mais precioso, tanto no campo da racionalidade, como da espiritualidade, dando suporte à nossa consciência de viver, pensar e agir, ou de apenas ser, um ser humano, que exercita em si o dom do amor. É esta pertença de si mesmo, que nos alimenta e sustenta, o que distingue o finito do infinito, que ajusta nossa relação e complementação, de buscarmos no outro um porto seguro, extensão de nós mesmos; este sentimento ou ideia louca de amar ao próximo, da mesma maneira que nos amamos? É um exercício constante e progressivo de buscar infinitamente respostas, que trazemos dentro de nós mesmos, podemos resumir em duas palavras de amar e viver; amor e fé, diferente de vivenciar a angústia e sofrimento na existência humana, mesmo que queiramos legitimar a ideia de que aqui se faz e aqui se paga, como se pudesse assim predeterminar alguém a estar, deveras sentenciado e a não ter expectativa de mudança nenhuma, qualquer chance ou 'salvação', nenhuma cura ou milagre? Graças a Deus que a esperança, a fé e o amor são temperos que nos traz refrigério para a alma, um lenitivo que na hora mais extrema de dor que possamos ter, é o resgate para quem está morrendo afogado ou de quem busca a luz em meio à escuridão? Algo em nós estimula nosso ser a buscar no esplendor do nosso Criador, tal a flor que recebe os raios de luz do astro rei.

Pois, O fato de não estar aqui amanhã apavora menos a cada dia, incomoda menos, quando sei que sendo extensão do outro posso viver e ser eterno, a cada semente que semeio no terreno do meu ser, meu interior, procurando dar o melhor que há em mim, fazendo dessa

mala ou bagagem uma doação sempiterna. Daí esta escala de valores de proximidade e distância, convalida a questão de importância de mim mesmo para com alguém ou de alguém para comigo, certamente o que vai diferenciar sempre na natureza humana é o convívio, na relação interpessoal. Saibamos nós, é claro, que perder alguém é de fato algo triste! E, às vezes, nos perguntamos, se quando partimos deste mundo ao qual vivemos, sentirão nossa falta, se fomos importantes para alguém, se falaram bem ou mal de nós, como se fosse dito: "já foi tarde?". Pensar não ter importância alguma é algo que concluímos dentro das nossas convicções, todo e qualquer ser humano mantém relação e se comunica com o outro, ninguém se isola como se fosse uma ilha no oceano, ainda que o seja, se sentirá incompleto e solitário de alguma forma, fomos gerados em comunhão, precisou de dois seres que se unissem para que passássemos a existir como ser nesse mundo, quer queiramos ou não, somos extensão dum outro alguém, há uma natural dependência e correspondência, dependendo de uma outra pessoa e vice-versa; *"porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea". (Mateus 10:6)*. Em detrimento dessa relação mãe e filho, se traduz o grande exemplo do que relato aqui, algo que nos aproxima um pouco mais perto de Deus, de forma instintiva, necessária e espiritual. Então, cada ser no ciclo da vida faz falta na composição do cosmos e biodiversidade de vida, nada é por acaso pois existe uma teleologia² de valores no campo existencial.

2. *Qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade, considerando a finalidade como o princípio explicativo fundamental na organização e nas transformações de todos os seres da realidade; teleologismo, finalismo.*

- **doutrina inerente ao aristotelismo** e a seus desdobramentos, fundamentada na ideia de que tanto os múltiplos seres existentes, quanto o universo como um todo direcionam-se em última instância a uma finalidade que, por transcender a realidade material, é inalcançável de maneira plena ou permanente.

- **teoria característica do hegelianismo** e seus epígonos, segundo a qual o processo histórico da humanidade — assim como o movimento de cada realidade

Mas, o que significa perda? Perda ou falta do que não se vê nem se deseja mais como antes? por que já não existe como existia antes? Deixou de ser em algum momento no espaço e no tempo? Acredito que vai muito além, e atinge essências que não sabemos explicar, nem explicitar por palavras ditas e inventadas, nunca há comodidade nem conforto algum, fica a saudade de quem amamos em vida; isso nos sustenta aqui como uma eterna esperança do amor que semeamos e dos frutos que colhemos no tempo. Sabemos nós, digo, tenho certeza, que o amor é a nossa porta para uma dimensão, que sequer imaginamos e nos projeta para outra além da nossa imaginação. Quando nos inter-relacionamos, compartilhamos, queremos bem e desejamos algo melhor. Certamente, ainda estamos engatinhando em tentar compreender o que o sentimento do amor verdadeiro significa, e desvendá-lo sem vivenciá-lo -com amplitude, sempre será um desafio.

Apóstolo Paulo nos diz a respeito em 1 Cor 13:1-13:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia, saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá. O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra

*particular — é explicável como um trajeto em direção a uma finalidade que, em última instância, é a realização plena e exequível do espírito humano.**

com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma com que sou plenamente conhecido. Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.

E, quando chegarmos neste estágio, chegaremos a um nível outro, de que não só seremos eternos doadores que almeja uma esperança maior do que imaginamos, mas sentimento de chegar tão perto dessa dita loucura do amor de Jesus por nós, pelo fato de ter morrido crucificado pela humanidade: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:16). Sendo assim, uma vez por todas doou sua vida por toda humanidade, e não por ousadia ou insensatez, mas por um amor tão natural e incondicional que para nós o compreendemos como sobrenatural, isto porque foi, e é por nós, o amor de Deus! Amor Ágape. Sabemos nós que nunca chegaremos ao nível de um ser como Jesus, mas Ele exemplifica e simboliza para nós, a real essência de amar além das nossas forças e forma de pensar! Quando falo de minha morte, na verdade, esta morte que presumo me pertencer, morte minha não é, mas a morte do outro que também não vejo nem pressinto, nessa estranheza de olhar no caixão, meu outro eu quando colocado no caixão, que faz ser o espelho de mim mesmo,

na possibilidade de chegar lá, não querendo chegar lá, sabendo que é só questão de tempo? Apóstolo Paulo faz uma outra leitura, que demonstra ainda que não chegamos no nível de fé que ele havia chegado? Nos responde da seguinte forma: “porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. (Filipenses 1:21). Parece um tremendo contrassenso, tal conformismo ou desprendimento, por tamanha certeza de que a morte da qual ele nos diz em suas cartas apostólicas, trata-se de uma morte superada, por uma beatitude que ultrapassava os prazeres que temos ou poderia ter na vida que tinha e levava? Embora a maior força e amor que o prendia neste plano terrestre, era o mesmo que Jesus sentia, este “amor pelas almas”.

Embora seja enigmática, invisível e invencível. Ela – a morte – que arrebatava em silêncio perpétuo, a projetar o ser ao não-ser, mas a ideia de garantia de existência se dá sendo, enquanto tendo consciência de onde estamos inseridos e pelas coisas que estão ao nosso redor e derredor, relação de sujeito e objeto, espaço e tempo. Não obstante, ser no sentido de estar também é vida, tal um estado vegetativo, mesmo que em dado momento não nos remeta a ideia de que venha a ser proativo, ser animal, vegetal e mineral; o estar de coma, sem consciência em um hospital, nos possibilita pensar que esta vida é uma não-vida, mas o que garante saber em que estágio se encontra alguém que permanece assim, e o que garante sermos mais conscientes que os inconscientes? Quem nos garante sermos mais lúcidos e normais, que os ditos anormais; aos que chamamos de loucos, psicopatas e etc. Garantia temos de que dentro de nossas limitações estamos propensos e somos sujeitos a toda e qualquer sorte de infortúnios e sortilégios da vida, sabendo que ninguém está isento de quaisquer males inerentes à natureza humana. Se buscamos equilíbrio, decerto, buscamos. Se somos de fato totalmente equilibrados e normais, como se pudéssemos apostar que somos seres perfeitos, daí é outra questão a ser discutida partindo de que nível de interpretação para tal, possível conclusão?

Ou mais dúvidas, do que certeza?

Falar de equilíbrio da natureza humana tem contradições e paradoxos sem precedentes, a despeito de fazermos tantas guerras, para justificar uma aparente paz, se é que esta paz existe de verdade, como se nos assolasse uma falta de perspectiva, uma vida de utopia, almejando algo tão somente pela espera duma bem-aventurança, que porventura pode não passar de uma falácia? Somente se esta bem-aventurança for coisa do homem, cuja paz que promove ser verdadeiramente ausência de guerra interna e externa? Considerando que vivemos em guerra o tempo todo, mesmo dentro do nosso próprio organismo, formação e constituição, na eterna luta da vida contra a morte, e da morte contra a vida, em que nossas células se degeneram a cada instante, e pensamos que estamos crescendo quando na verdade estamos envelhecendo, ou pensamos que evoluímos e ocorre uma involução, quando progredimos e estamos regredindo, de fato assim é a natureza das coisas e dos seres, bem como a própria natureza humana que pode evoluir no intelecto e padecer em virtude das células que vão morrendo, e de todo nosso processo de envelhecimento? Sempre estamos diante da mente que deseja agir de um jeito, mas o corpo já não acompanha esta proposta de vigor e vontade de viver!

A saída do homem do Jardim do Éden, fez dele próprio o projeto de sua degeneração, em função do Pecado Original, primeiro ato humano de desobediência a Deus. Ou seja, se conjecturarmos sermos imagem e semelhança Dele, todas as possibilidades e indicativos demonstram que herdamos uma 'alma imortal', antes, porém, toda nossa constituição humana estava pautada nessa atmosfera feliz e bem-aventurada; a presumir que a 'Árvore da Vida' (Gn. 3:3), e o rio que cruzava o jardim do Éden (Gn.2:10) proporcionaria viver eternamente? Ser eternamente jovem? Pois degustar dos frutos daquela árvore e beber das águas daquela fonte, sentir o fluir das fontes das águas vivas em nosso ventre? (João 7:38). Algo

assim nos tornaria eternamente belos, jovens e eternos, simplesmente por termos a imagem e semelhança do Criador?

Neste caso, a vinda de Cristo simboliza também todos esses elementos provindos de uma essência e matriz divina, como resgate do nosso acesso, àquilo que Deus nos havia outorgado, e que de certa forma perdemos tal beatitude? Mas se Deus não nos imputa castigo, pode também não nos favorecer de bênçãos quando não merecemos? Vejo em Deus, na Sua ação e/ou Seus atos, desde o início dos tempos, entre o favor ou desfavor a nosso respeito, agir com caráter pedagógico e exercício da justiça divina, tanto para nos instruir quanto para nos fazer evoluir acerca do entendimento do que Ele quer!

*E, se algum de vós **tem** falta de **sabedoria**, peça-a a **Deus**, que a todos dá liberalmente, e o **não** lança em rosto, e ser-lhe-á dada. **Peça-a**, porém, com fé, em nada duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte.(Tiago 1:5-6).*

Pensando assim, a morte para nós pode ser enquadrada dentro desta visão pedagógica e sábio decreto pelas ações e atitudes dos homens, de acordo com o testemunho que apresentam e ignora os desígnios provindos como juízo no destino do homem, que é tão somente uma criatura, diferente doutra que por ter consciência sendo um ser racional, não é extinto da existência no universo, como todo e qualquer animal, mas responde além pós juízo final? Sendo assim o homem morre, mas não para aí, ele está em algum momento a ressurgir para dar conta de suas ações? Vejamos:

... Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Quanto aos tímidos e

aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte. Ap 20:7;8).

Ainda que o que presumimos como castigo de Deus, julgar uma ação Sua por permitir que o homem sofra os efeitos de suas escolhas e, por que não, ser por elas penalizado e até padecer dos efeitos das circunstâncias adversas, tal um reflexo da aplicação da lei da física nos aspectos da ação de causa e efeito? A própria natureza nos dá respostas de movimentos que faz promover uma coisa em função da outra, ou de ocorrer pelas vicissitudes do próprio tempo, tal um ciclo ou lei do retorno, a vida e a morte haverá de ser duas faces de uma mesma moeda? Podemos admitir que morrer, por não atingir o pior nível de decrepitude e estar sujeito a uma doença diante de uma dor extrema? Deus em sua infinita sapiência decretou:

“Então o Senhor disse: “Meu Espírito não tolerará os humanos por muito tempo, pois são apenas carne mortal. Seus dias serão limitados a 120 anos”. (Gn.6:3). Devido aumentar a iniquidade Ele reduziu os anos de permanência do homem na terra, mas muitos homens foram longevos, Adão viveu 930 anos e Matusalém viveu 969 anos (Gn.5:5 e 5:19, respectivamente).

A MORTE FAZ PARTE DA VIDA?

Se eu for prender minha atenção no breve resumo que demonstro aqui, somente Jesus respondeu ou pode responder a tal pergunta? De tudo que lemos e aprendemos nos livros escritos pelos homens, não se têm registros consideráveis de uma resposta segura a esse respeito, e ignorar as Escrituras Sagradas, é como dar um tiro no pé, agora o fato de crer ou não na divindade de Jesus, cada um responde por si, mas não podemos ignorar o papel Dele tanto como Messias, profeta e pensador, acerca das questões que nos angustia, e não temos referência para que possamos estar tranquilos, sem tanta inquietação e busca incessante por algo que está além do nosso alcance, e julgamos ser proposta religiosa, não de investigação filosófica, entender ou procurar entender essas coisas, sem que coloquemos a veracidade ou não da Bíblia? Querendo ou não, toda história da humanidade em algum momento, vai se cruzar com a história do Judaísmo. A expressão disso tudo vai corroborar para que atravessando os séculos, do Oriente ao Ocidente, chegarmos ao entendimento da forte expressividade do Cristianismo em nossa história, tendo como pedra principal e filosofal Jesus Cristo, e todo movimento evangelístico pela via dos quatro Evangelhos e das ações missionárias paulinas (ref.: Paulo de Tarso).

Destarte, nada disso, se não procurarmos melhores fundamentações, vai esclarecer e responder a tal pergunta, o que poderíamos tão somente dizer, de que forma a morte faz parte da vida, ao responder com um sim ou não? Se faz ou não faz parte? O que não nos levaria a nenhum lugar e, ficaríamos no mesmo ponto ou voltaria à estaca zero, particularmente por uma questão lógica e biológica, diria categoricamente que sim, a morte faz parte da vida, mas se a gente expandir esta pergunta para uma outra, se existe uma outra condição de vida após morte? Por que na Bíblia é demonstrado que ao homem é ordenado morrer

somente uma vez, e depois segue o juízo? Que juízo seria este? Se entendemos que, se morreu acabou? Não há outra linha ou forma de pensar e compreender algo além do que se pode presumir? Vejamos o que diz a palavra de Deus, no livro das revelações (Apocalipse):

E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritos nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo". (Ap.20:11 e 21:8).

Diante das exposições acima, a morte faz parte da vida, considerando assim da morte ser uma herança maldita que a natureza humana recebeu em virtude de uma desobediência, vejamos no livro de Gênesis 2:16 e 17:

...E o SENHOR deu a seguinte ordem ao homem: "Comerás livremente o fruto de qualquer espécie de árvore que está no jardim; contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres, com toda a certeza morrerás!".

Se por tais argumentos for atribuído, de eu ser um pensador cristão, e conduzir meus argumentos, tão somente pelas questões que envolve o contexto bíblico, não vejo isso como demérito, tão pouco haver pouca instrumentalização filosófica, em detrimento da teológica,

falar disso no Ocidente, deveras é chover no molhado, ou seja, a influência do saber helênico (grego) e judaico-cristão, molda os procedimentos e ações, desde os seus primórdios. Dessa forma, mesmo que alguém não se diga cristão no Ocidente, mas que venha admitir ser de qualquer ou ter qualquer outra religião ou filosofia de vida como a referência de ser budista, judeu, mórmon, espírita ou até se autônomoar mulçumano, ainda assim será isto e qualquer outra coisa, sendo por primazia e de cartearinha um ser cristão? Acredito que sim! Mesmo que possa haver controvérsias, mas não é o caso de ficar malhando em ferro frio ou enxugar gelo. Ser isto ou aquilo, não vai interferir no impacto que o cristianismo ocasionou, em meio as culturas pagãs, na conversão do politeísmo para o monoteísmo.

A morte é um processo de seguimento natural da vida, em virtude de que nascemos, evoluímos, nos reproduzimos e depois morremos, parece simples assim, quando se fala de um ser vivo, ou de todo e qualquer ser vivo? O homem sendo o único ser com capacidade de pensar, sendo considerado imagem e semelhança do seu criador, tem propostas diferenciadas que não o restringe a um fim de sua própria existência, como se nunca tivesse existido, pois foi criado para ser imortal, e em princípio para não passar por sofrimentos, dores, doenças e consequentemente morrer. Mas, algo em sua natureza e não ato falho de Deus, ocasionou que drásticas mudanças, por um ato ou aposta que atendeu mais a necessidade da carne do que do espírito, pelo fato dele ser de natureza que possua um corpo e uma alma, as aspirações que o faz se voltar para os anseios da carne; os desejos e as vontades, como salvaguarda dos aspectos limitantes na busca do que é palpável, tangível? Daí ter mexido justamente no fruto proibido, na árvore do conhecimento do bem e do mal, que lhe abriu os olhos para um entendimento, perante um tempo que não lhe fora permitido ainda ter acesso, quando poderia ter alcançado este momento noutra espaço de tempo?

Há de se deduzir então, se a proposta do homem ser imortal, viver eternamente, fato preponderante seria não haver em função da morte física, separação entre corpo e alma? Lógico dizer, que quer seja por morte natural ou não, isto ocorre de forma regular, como aconteceu no início quando Deus soprou no homem algo que o fez ser alma vivente. "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente".(Gn.2:7). Dotado de extrema beleza e inteligência, o homem não é qualquer coisa criada, ou jogada nesse planeta, e na verdade tudo que existe e foi criado, tem sua importância, quer seja coisa animada ou inanimada, no processo da criação, nada é descartável, tudo foi feito com um propósito e finalidade, que nem sempre o homem sabe, como calcular ou discernir com todo conhecimento que tem e adquire, mas não é e nunca foi suficiente, para provar o contrário e nem trazer novos fatos diante do que apresentei até aqui. Destarte, podemos até tentar distinguir o fato do homem ser imortal e não eterno, tal a condição do seu criador, que não se enquadra no caráter de ter sido criado por ser o que Ele é, e não haver nada antes e depois da sua própria natureza de ser! E, nós sermos, a partir do que Ele nos fez e somos, até o ponto em que Ele nos permite ser, como toda Sua criação, inclusive acerca dos seres espirituais, em que na condição de serem criados, também podem ser aniquilados. Salvo não serem extinguidos da existência, pela ação e amor da Sua infinita misericórdia pela vida e suas criaturas.

O homem é um ser que apenas sabe que nasceu porque nasceu, e que um dia vai morrer e pronto, porque terá que morrer como todo ser vivente. Pois "do pó viemos e ao pó voltaremos". (Gn.2:10). Em tese, o homem que crê mais na ciência, do que em Deus, se coloca como um aborto da natureza, aconteceu como qualquer coisa acontece, com menos ou mais importância do que uma pedra que pode ter uma função quiçá mais fundamental?

O homem no cenário do Universo, tem na constituição do seu corpo, os mesmos elementos que encontramos nas estrelas, asteroides, cometas, planetas, pedras, formigas, plantas e etc., diante da metafórica ação dos átomos, que fazem parte do processo da Criação, sendo a base que fundamenta através de uma leitura sublime, que interliga a água, o fogo, a terra, o ar, que são elementos interligados em toda natureza e cosmos, inclusive em nossa própria essência de ser! Desta forma, viver e morrer, são duas vertentes que em algum momento se cruzam e que o próprio Jesus, nos dá uma outra ilustração fabulosa:

Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto" (cf. Jo 12,20-33). O evangelho está cheio de parábolas, imagens e ideias vindas da agricultura. A imagem do grão de trigo serve para nos transmitir um ensinamento sublime que lança luz na história de Jesus e de seus discípulos. Esse grão é antes de tudo o próprio Jesus que caiu na terra em sua paixão e morte, reapareceu e deu frutos com sua ressurreição. O "muito fruto" é a Igreja nascida da sua morte, o seu Corpo Místico; também toda a humanidade, pois Ele morreu por todos. A passagem conclui: "Eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim."

SE A MORTE FAZ PARTE DA VIDA: VIVAMOS!

Jesus disse: "SOU a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá". (João 11:25-26). Desta forma é contingente crer ou não crer, saber ou ter como verdade que nesse processo, não pode partir de nós mesmos, almejar ou querer algo diferente, considerando que a morte é um fator decisivo, e que não está sobre o domínio do homem decidir sobre sua permanência ou não, no campo da existência, que não foi programado para deixar de existir definitivamente? Certo é, que todos nós vamos morrer um dia, e o fato de não sabermos nem o dia e nem a hora, nos causa menos angustia, mas também não nos traz consolo, mas o próprio mestre responde e nos aquietta nesta questão:

"Eu disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham bom ânimo! Eu venci o mundo". Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize". (João 16:33 e 14:27).

Este vencer e este consolo e paz, tinha o devido peso pelo fato Dele ser o príncipe da paz, tendo vencido a própria morte e nos trazer uma esperança maior do que aquela que presumimos ter, e é terrena, se desfaz feito fumaça, toda nossa garantia de vida se passa por extrema instabilidade em nossa caminhada entre perdas e ganhos, ao final de tudo aquilo que acumulamos, em quase tudo que investimos, em tese, não serve como desfrute para nós mesmos, ao açambarcar os tesouros da terra; a vida que vivemos tem um tempo de validade, que nos delimita o espaço entre a vida e a morte, diante duma

leitura biológica que melhor nos enquadra como ser no mundo, uma linha que tem um começo e um fim? Ainda que nos pareça ser quase uma sentença matemática, nossa missão ou destino neste planeta, vai muito além do que foi predestinado a outros animais, e não a nós, que convencionalmente somos chamados de animais racionais? Animais são animais, não são racionais, são sensíveis! Embora tenha noção das coisas, como se existisse um senso dado por Deus, uma programação natural para seus sentidos conectados com o mundo, sob jurisdição do homem que fora outorgado gerir e, de alguma forma administrar a vida dos domésticos e preservar a dos selvagens? Vejamos o que Deus ordenara acerca da responsabilidade de Adão e Noé:

E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. (Gn. 2:20). Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa das águas do dilúvio. Dos animais limpos e dos animais que não são limpos, e das aves, e de todo o réptil sobre a terra, entraram de dois em dois para junto de Noé na arca, macho e fêmea, como Deus ordenara a Noé.(Gn.7:7-9).

Categoricamente posso dizer acerca da nossa natureza, por sermos seres racionais, diferimos e não nos enquadrados como espécie animal. Apóstolo Paulo melhor esclarece acerca da nossa natureza humana e espiritual, em 1 Cor 15:45-57:

Assim está escrito: "O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente"; o último Adão, espírito vivificante. Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, dos céus. Os que são da terra são semelhantes ao homem ter-

reno; os que são dos céus, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial. Irmãos, eu declaro a vocês que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus nem o que é perecível pode herdar o imperecível. Eis que eu digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, em um momento, em um abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal se revista de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: "A morte foi destruída pela vitória". "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

A partir daí, estamos diante de um grande dilema, para aqueles que até então presumiam que não temos nenhuma responsabilidade nessa história toda, achando que simplesmente morreu e acabou? Dando ou não crédito a Bíblia, ao menos não podemos julgar dela ser um livro comum de histórias e de lendas, com passagens e mensagens alegóricas, mas que traz uma verdade em seus argumentos e que nos insere nesse contexto no campo da existência: de onde viemos? Deus nos criou. Quem somos? Criaturas e filhos de Deus. Para onde vamos? Dizer rapidamente que para o céu ou inferno, seria muito superficial e tratar de teologia na sua superficialidade, deixa a própria palavra de Deus, demonstrar, uma melhor exposição em Lucas 16:19-31:

Havia um certo homem rico", contou Jesus, que se vestia elegantemente e vivia todos os dias no prazer

e no luxo. Um mendigo, chamado Lázaro, cheio de doenças, costumava estar deitado à sua porta. Desejava comer ao menos as sobras da mesa desse rico, mas só tinha cachorros que vinham lambendo-lhe as feridas. Um dia, o mendigo faleceu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. Também o rico morreu e foi sepultado. Ali, no inferno, viu Lázaro lá longe com Abraão. "Pai Abraão", gritou, tem misericórdia de mim! Manda Lázaro vir ter comigo, nem que seja para molhar a ponta do dedo em água e refrescar-me a língua, pois estou atormentado nestas chamas! "Filho", respondeu-lhe Abraão, lembra-te de que durante a tua vida tiveste tudo quanto querias, enquanto Lázaro nada teve! Ele está aqui a ser consolado e tu estás em tormentos. Além disso, há um grande abismo que nos separa e que ninguém pode transpor. "Ó pai Abraão", manda-o a casa de meu pai", retorquiu o rico, pois tenho cinco irmãos e é preciso avisá-los para que não venham para este lugar de sofrimento quando morrerem. Mas Abraão declarou-lhe: Têm as Escrituras de Moisés e dos profetas. Ouçam os seus avisos! "Não, pai Abraão!" Se alguém de entre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Se eles não ouvem Moisés e os profetas, não ouvirão nem mesmo alguém que se levante de entre os mortos.

Diante do que foi exposto acima, é demonstrado que a partir do momento que surgimos para a vida, foi nos dado um contrato para sentença de morte, uma coisa está correlacionada com outra, mas que com a vinda de Jesus, o Filho de Deus, a este plano terrestre, podemos alcançar tanto a salvação como o acesso à vida eterna, com Ele, que nos afirma:

Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre". (João 7:38). Até então, eu não entendia como seria isso, de rios de águas

vivas fluindo do meu ventre, a não ser pelo seu aspecto metafórico, a exemplo das parábolas que Ele usava para explicar as coisas, ao povo, mas na Sua própria palavra nos traz respostas pelo seguinte entendimento: "o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. (Gálatas 5:22).

Ou seja, a paz e o gozo, que nos alimenta de dentro para fora, que faz de nós sermos um ser humano integral, aspirando a atmosfera de um reino que não é deste mundo, mas que já começa aqui e faz com que nosso ser, se encha de luz, paz e esperança, vindo a irradiar em nós a presença de Deus: "porque o Reino de Deus não consiste no comer e no beber, mas na justiça, na paz, e na alegria no Espírito Santo". (Romanos 14:17). A pergunta é? Fazemos parte desse reino? Desfrutamos disso tudo que foi dito aqui? Quando digo, vivamos e não pensemos na morte física, haveremos de buscar em nós, o resgate dessa fé que promoverá em nosso ser algo que nos edifique e eleve mais nossa condição perante o sistema e projeto de Deus para nossas vidas? Não como natureza caída e sob o juízo de perdição eterna, se a vida eterna é possível, é um caminho ou caminhada já iniciada nesse plano terrestre, que nos habilitará para uma atmosfera celestial? Pois o próprio Jesus revelou e nos deu o caminho das pedras, para termos acesso ao trono da graça: "Eu Sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai, a não ser por mim". (João 14:6).

Ou ainda João 15:1-11:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videi-

ra, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo.

Vivamos! Sem temer pelo quanto possamos mensurar ser esperança de vida ou aproximação da morte? Em verdade o ser humano não foi projetado para morrer, certamente que nenhum ser humano, deseja dar cabo da sua vida antes do tempo, seu tempo de validade neste plano terrestre, a não ser que seja por insanidade, mal súbito, acidente de percurso e etc., todavia, tem algo misterioso na Bíblia quando Jesus responde a um de seus discípulos que ainda estava resistindo a segui-lo, por deixar seus familiares para trás: "deixai os mortos o sepultar os próprios mortos". (Mateus 8:18-22 e em Lucas 9:57-62). A pergunta é, como falar de mortos, acerca daqueles que estavam vivos? Sem dúvidas, que mortos espiritualmente falando, acerca da visão espiritual, pessoas cegas, condenadas, na escuridão, sem a luz que provém Dele, mas como Ele mesmo é a luz dos homens, estes poderiam enxergar a verdade acerca do Seu reino e salvação? Esclarece-nos: "conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. (João 9:32). Outra máxima que atinge àqueles que eram julgados por mortos e nos enquadra nessa relação, é que "todos pecaram e destituídos estão da gló-

ria de Deus". (Romanos 3). E, além da morte tanto física quanto espiritual, há uma transposição que nos dá vida em abundância, quem nos oferece e possibilita é Jesus, o único ser no Universo, que nos habilita a sermos ou podermos mais do que pensamos e imaginamos Nele e por Ele. Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o Seu poder que atua em nós." (Efésios. 3:20). Sendo assim, Ele é o verdadeiro religare, entre Deus e os homens, não o estigma de religiosidade como era a postura dos sacerdotes e fariseus, juntamente com aqueles que o crucificaram. Mas, após sua morte e ressurreição, demonstrou que não era o fim, mas o começo desde quando havia dito em João 14:1-4:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.

Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também. Mesmo vós sabeis para onde vou, e conheceis o caminho.

A pergunta a se fazer é que se há moradas para nós, trata-se de um lugar, que não é neste plano terrestre e que certamente, fala-se de uma morada que não está preparada para nós, que estamos aqui ainda vivos, se Jesus foi pelo processo que passou entre a morte e a ressurreição, depois já com Seu corpo glorificado no monte da transfiguração, podemos perceber que estaremos com Ele, não neste corpo que habitamos, mas corpo espiritual, em outra atmosfera astral que não condiz com a forma física que temos atualmente, através Dele podemos entender que deveremos passar por um processo na linha do tempo, que nos colocará no mesmo patamar de seres espirituais, semelhantes aos anjos do Senhor?

“Então Jesus lhes esclareceu: “Vós estais equivocados por não conhecerdes as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em matrimônio; são, todavia, como os anjos do céu”. (Mateus 22:29 e 30).

Justamente, nesta condição além da vida e da morte, habitaremos no reino que Ele nos falou e prometeu no tempo e hora celestial. Há uma ilustração acerca da forma espiritual que Jesus atingiu, além de sua forma física, como simples mortal:

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte, e transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias. E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o. E os discípulos, ouvindo isto, caíram sobre os seus rostos, e tiveram grande medo. E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes, e disse: Levantai-vos, e não tendes medo. E, erguendo eles os olhos, ninguém viram senão unicamente a Jesus. E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos. (Mateus 17:1-9).

APÓS A MORTE FAREMOS PARTE DAS MORADAS DESSE REINO DOS CÉUS?

Após chegarmos até aqui e não menos achar que respondemos à pergunta proposta de que a morte faz ou não parte da vida, espero que mesmo que eu não tenha alcançado responder plenamente, acerca dos esclarecimentos que prestei pela fala do ser mais importante de todo Universo, Jesus Cristo, que nos revelou os mistérios da vida e da morte, e que nos falou de um reino que Ele tinha e não era desse mundo, sinaliza que poderemos estar e reinar com Ele, mas que reino é este? Onde está? Conjectura-se ser o reino dos céus (ou de Deus), como será e em que tempo e espaço, além da dimensão em que vivemos e conhecemos, além dos planetas que imaginamos conhecer? Apóstolo Paulo, menciona o seguinte:

“Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar. De alguém assim me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. Porque, se quiser gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas deixo isto, para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve”. (2 Cor 12:1-6).

Quando Jesus fala de um reino Ele atribui primeiro que este Reino deve ser construído dentro do nosso coração, Ele dizia: "pois o reino de Deus está dentro de vós". (Lucas 17:20-21). Esta chegada do reino dos céus, se constitui a partir do prenúncio da presença física Dele, dito pelos profetas (Isaías 9:6), diante de toda expectativa que Sua vinda promovia nos corações de um povo que ansiava pela vinda de um Messias, para os que se decepcionaram vendo um homem simples de Nazaré, e por aqueles que testemunharam ser Ele o verdadeiro Filho de Deus. Então, o discípulo Filipe o inquiriu dizendo:

Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. (João 14:8-10).

Jesus (Yeshua) entre o que Ele dizia ser e de onde veio, sempre falava por subterfúgio, e não se engrandecia de ser, tudo que era e representava, diferente de todos os demais homens da época. Ele exerceu Seu ministério aqui neste mundo, causando inquietação e/ou deixando a mente cheia de enigmas em seus interlocutores, nem sempre perguntado sobre algo que pudesse ter uma resposta imediata, mas que fizesse a pessoa refletir sobre a questão e sua condição de vida. Desta forma, fazia com que o indivíduo buscasse respostas dentro de si próprio e se libertasse dos seus falsos conceitos; foi assim com a mulher samaritana (João 4:8), Nicodemos (João 3), o centurião Cornélio (Luc.7:1-10), Pilatos (João 18:33-38), Pedro (Luc.9:18-22), Paulo (Atos 9:3-6), o jovem rico (Mateus 19:16-30), Satanás (Lucas 4:1-12) e etc. Bem como, o encontro e embate das críticas feitas por Jesus contra os escribas, fariseus e doutores da Lei que aparecem em

Lucas 11:37-54, Lucas 20:45-47. Quando noutra ocasião indagado sobre o reino dos céus, disse: "nem haverá anúncios: 'Ei-lo aqui!' Ou: 'Lá está!'. Pois o Reino de Deus já está entre vós!" (Lucas 17:21). Ou acerca Dele próprio falar de uma forma como se o Reino e Ele próprio fosse uma coisa só e tivesse a mesma equivalência para além da compreensão humana, entre o perceptível e o tangível, dentro desta lógica Jesus era inescapável:

Depois declarou aos discípulos: "Chegará o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, mas não o vereis. E vos dirão: 'Ei-lo aqui!' Ou: 'Lá está Ele!'. Não vades, tampouco os sigais! Porquanto, a chegada do Filho do homem, no seu Dia, será como o relâmpago cujo esplendor da luz vai de uma à outra extremidade do céu. (Lucas 17:22-24).

Diante do que foi exposto aqui e de uma breve descrição do que significa o que venha a ser "reino dos céus", e da localidade que ultrapassa nosso entendimento e nem imaginamos que poderemos alcançar ou estar nele, podemos perceber que quem nos promove o acesso é o Filho de Deus, herdeiro desse Reino, que nos faz ser co-herdeiros com Ele, que nos diz: "vós sois, porém, geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas Daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". (1 Pedro 2:9). E, nessa morada além da morada que nós conhecemos ou presumimos, sabemos que não estamos preparados e, que a vinda de Cristo, faz todo processo andar e de forma muito simples, para nos possibilitar acessibilidade, conforme foi mencionado por João Batista que já temos acesso neste plano terrestre, a partir da primeira vinda Dele (**Yeshua**), pelo propósito da redenção: "**Arrependei-vos, porque** está próximo o **reino dos céus**. Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento" (Mateus 3:2 e 8). E, quando nos traz conforto a oração do Pai Nosso que Ele nos ensinou: "venha o Teu reino, e seja feita a

Tua vontade assim na terra como no céu" e "porque Teu é o Reino, o poder e a glória para todo sempre. Amem!" (Mateus 6:9-13). Tal mediação e possibilidade, não seria de nenhuma outra forma, a não ser pela Sua inevitável condenação, entre a morte e a ressurreição, que envolveu a Sua vinda e sacrifício, a ponto de ter sofrido tal vitupério, por uma coisa que promoveu do próprio Cristo, se fazer carne e habitar entre nós, em prol da salvação da humanidade, sob condenação, se fez pecado por ela.

Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação. (2 Cor 5:14-19).

Na altura de tudo que foi discutido até aqui e tentar responder acerca de um reino dos céus, por qual caminho seguir e, em que condição estaremos habilitados, a Bíblia relata que devemos perseverar até o fim: "aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo". (Mateus 24:13). Este perseverar é o entendimento da fé e boa conduta cristã, pela sã doutrina por tudo que Jesus ensinou e está escrito, por isso, não somos isentos de não sabermos acerca desse Reino, que chegou até nós, e a proposta de levar o evangelho a toda criatura, conforme é dito: "se é que permaneceis na fé, alicerçados



e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro". (Col.1:23). A partir daí pelo ministério dos seus discípulos (apóstolos), nos fez discípulos para tal missão, conforme Ele próprio fez e nos instruiu a nos esforçar e perseverar: "pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina". (2 Timóteo 4:2). Mas, acerca do Reino, em tese, é algo que não sabemos, nem conhecemos? Trazer este Reino como realidade, produzir o efeito Dele em nós, já é o acesso pela fé, esperança e amor, conversão e confissão nos propósitos de que Jesus, nos deixou de sublime e instrução para construir esta escada de acesso que liga a terra ao céu, feito a escada de Jacó, onde os anjos subiam e desciam por ela? A Bíblia faz uma analogia muito interessante nesta questão, quando relata:

Em verdade vos digo, tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. De novo, eu vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que quiserem pedir, isto vos será concedido por meu Pai que está nos céus. Eu estou ali, no meio deles. (Mateus 18:15-20)

Pode ser loucura pensar em um reino dos céus? Seria com certeza se o próprio Jesus, que se fez homem e habitou entre nós, não tivesse mencionado e nem mostrasse a forma de como chegar até a este Reino, sendo Ele o veículo que nos dá acesso, apesar de que para muitos não tenha requerido mérito, de que Ele fosse o verdadeiro Messias, um Filho de Deus? Menos pelos pagãos, do que pelos Judeus? Embora a palavra de Deus testifique: "eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". (Mateus 3:17). Inclusive sob desconfiância de seu próprio povo e acusação dos fariseus, apesar dos sinais, milagres e prodígios, na Sua



missão e ministério evangelístico, demonstrou, cumpriu e capacitou seus discípulos, ainda que não, estivessem preparados para lidar com tamanha responsabilidade, do que viria a padecer e fizera deles testemunhas fiéis, lhes promovera acesso para estar com Ele pela via da salvação e remissão dos pecados, dentro dessa percepção e cosmovisão, viemos saber nós, que a primeira condição para ter acesso, tanto a Ele quanto a fazer parte do Seu Reino, é ter fé e confessar que Jesus, é o Senhor, “por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome.” (Filipenses 2:9), além de todas as outras prerrogativas que envolvem a comunhão com Seu corpo místico (a igreja): “quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus”. (1 Cor 11:3). Quando colocamos tudo dentro de uma condição ou do que faz parecer barganha, nosso primeiro entendimento é que, o que Deus propõe é sempre sob uma ótica de autoritarismo e provação, mas sabedores somos que a gravidade do pecado, colocou toda a humanidade diante de um ponto mais descontínuo, do que contínuo para que ela própria tivesse condição de se superar? No entanto, sem que houvesse a ação do Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo, nada disso teria eficácia, se não fosse a fundamental importância de um único ser que pisou habitou este planeta como nós, e acerca Dele é registrado:

João viu Jesus aproximar-se dele e disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1:29-34). Dele é que eu disse: Depois de mim vem um homem que passou à minha frente, porque existia antes de mim. Também eu não o conhecia, mas, se eu vim batizar com água, foi para que ele fosse manifestado a Israel”. E João deu testemunho, dizendo: “Eu vi o Espírito descer como uma pomba do céu, e permanecer sobre ele. Também eu não o conhecia, mas aquele que me enviou a batizar com

*água me disse: 'Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer, este é quem batiza com o Espírito Santo'. Eu vi e dou testemunho: Este é o Filho de Deus!'" (João 1:6).**

Que somente por uma ação supra-humana, no extremo da fragilidade humana, é que o papel importantíssimo que foi cumprido a preço de sangue, pôde viabilizar e viabiliza esta jornada do homem, de uma maior conquista do que ir à lua, pelo custo de sua própria vida e salvação de uma condenação eterna, para o acesso a uma vida eterna? Possibilitando a nós que estamos vivos, saber que existe um reino nos céus, que é uma realidade descritiva, tanto quanto o inferno não é uma história da carochinha, e entre esses dois pontos primordiais que trafega em uma linha metafísica para nós simples mortais, que nos enche de esperança e vida. E, de uma vida após morte preparada para nós, na linha do tempo, algo que responde que a morte pode até fazer parte da vida aqui, mesmo assim temos esperança maior quando nos foi esclarecido assim "onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo". (1 Cor 15:55-57). Demonstra-se assim que a própria morte é superada por uma vida além, vida eterna em um reino celestial.

Vejamos:

"Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele

enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou". Aquele que estava assentado no trono disse: "Estou fazendo novas todas as coisas!" E acrescentou: "Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança". Disse-me ainda: "Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte". Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas aproximou-se e me disse: "Venha, eu lhe mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro". Ele me levou no Espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Ela resplandecia com a glória de Deus, e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como cristal. Tinha uma grande e alta muralha com doze portas e doze anjos junto às portas. Nas portas estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel. Havia três portas ao oriente, três ao norte, três ao sul e três ao ocidente. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. O anjo que falava comigo tinha como medida uma vara feita de ouro, para medir a cidade, suas portas e seus muros. A cidade era quadrangular, de comprimento e largura iguais. Ele mediu a cidade com a vara; tinha dois mil e duzentos quilômetros de comprimento; a largura e a altura eram iguais ao comprimento. Ele mediu a muralha, e deu sessenta e cinco metros de espessura, segundo a medida humana que o anjo estava usando. A muralha era

feita de jaspe e a cidade de ouro puro, semelhante ao vidro puro. Os fundamentos dos muros da cidade eram ornamentados com toda sorte de pedras preciosas. O primeiro fundamento era ornamentado com jaspe; o segundo com safira; o terceiro com calcedônia; o quarto com esmeralda; o quinto com sardônio; o sexto com sárdio; o sétimo com crisólito; o oitavo com berilo; o nono com topázio; o décimo com crisópraso; o décimo primeiro com jacinto; e o décimo segundo com ametista. As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente. Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia. As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória. Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite. A glória e a honra das nações lhe serão trazidas. Nela jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro". (Apocalipse 21:1-27).

Na Grécia antiga, o filósofo Platão (428-348 a.C.), mencionava haver um demiurgo, um ser divino, que age como princípio causal, com o sentido de criador, dotado de movimento próprio, com o poder de organizar o Universo*, talvez ilustres homens na carreira filosófica e científica, deixaram de dar atenção a um princípio que tem intrínseca relação com a palavra de Deus, ainda que Platão não fosse um profeta de Israel, foi o que mais se aproximou dos conceitos do judaísmo, implementando uma ideia monoteísta ao seu discurso, corroborou para enriquecer a salutar aproximação entre o **helenismo** e o **cristianismo**, que pervaga o pensamento do Oriente ao Ocidente. Isto não nos faz ser menos nem mais sábios,

mas ser consciente de que somos criaturas, e de que Deus sempre teve planos e projetos em relação ao homem, que é a coroa da criação, que mesmo que não exerçamos bem nossa mordomia, independente da nossa vontade foi dito por Jesus: "está consumado!" Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito." (João 19:30) e, em seguida completou: "eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos." (Mateus 28,20). Ou seja, a vontade do homem e o fato dele crer ou não na ação de Deus, ou sequer concordar que existe um Deus de fato, nada faz diferença acerca do fato do cumprimento da Sua palavra, com mais ou menos intensidade acerca do que um simples mortal gera um critério de juízo sobre qualquer coisa sob tudo que está estabelecido:

Certamente me perguntarás: "Por que Deus ainda nos culpa? Pois, quem pode se opor à sua vontade?" Todavia, quem és tu, ó homem, para questionares a Deus? "Acaso aquilo que é criado pode interpelar seu criador dizendo: 'Por que me fizeste assim?' Ou o oleiro não tem todo direito de produzir do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para usos menos honrosos? (Romanos 9:10-21).

Não obstante, ignorância não é pensar se Deus existe ou não, mas de nos comparar que somos iguais aos animais, que não são seres racionais como somos, ou seja, ter entendimento de que estamos sujeitos a mesma ação determinista que eles, que tão somente lutam pela sobrevivência e são felizes por simplesmente existirem e nada mais projetarem além do que são na sua condição natural? Quando Deus nos deu a capacidade de raciocinar e discernir entre o que é certo e errado, poderia tão somente nos ter feito, conforme são os animais, ou as plantas? E, apenas existir como qualquer coisa existe, até como existem coisas inanimadas? A capacidade que nos foi dada parte do princípio que tem um fundamental registro bíblico:

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra."(Gn. 1:26:27).

Do contrário, poderia nos ter feito como simples coisa, ou coisa nenhuma? Mas não! Deus nos fez e somos criaturas Dele. Inclusive nos fez para viver eternamente, embora considerar se nossa alma é imortal ou não, não cabe a nós, ter ou não a certeza. Eu defendo a imortalidade, apesar das controvérsias, deixei minhas exposições supramencionadas, e, aceito que alguém venha divergir da minha afirmativa, embora eu me baseio nas assertivas bíblicas, de que: "o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo". (Hebreus 9:27:28). Ainda que tenha relato em Eclesiastes 3:19: "O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; o homem não tem vantagem alguma sobre o animal. Nada faz sentido!". Este texto, faz demonstrar uma forma de desabafo do autor, e de nos colocar dentro da realidade a qual pertencemos, enquanto criaturas, seres criados como todo ser que tem fôlego de vida, no entanto, haverá de se distinguir pelo patamar que Deus nos colocou nesse cenário, conforme está registrado em Gn.1:26: "Façamos o homem conforme nossa imagem e semelhança". Só esta passagem demonstra o tanto que somos seres diferenciados no mundo que Ele criou e nos introduz na dimensão da Sua atmosfera celestial, mesmo que queiramos nos comparar aos animais, somos seres mais excelentes e com outros propósitos, pois o texto de Eclesiastes 3:19, é apenas uma analogia que a bíblia faz registro sobre a questão da matéria, conforme é dito:

"Com o suor do teu rosto comerás teu pão, até que te tornes ao solo. Pois dele foste tirado. Pois tu és pó

e ao pó tornarás." Gênesis 3 19. "Tudo caminha para um mesmo lugar; tudo vem do pó e tudo volta ao pó." (Eclesiastes 3, 20).

O texto acima faz parecer um fator determinante, como se nos faltasse argumentos para dar crédito que estamos fadados a um fim aos quais todos os seres estão sujeitos, menos acerca do Seu exército de anjos, que não estão sujeitos à mesma matéria da qual fomos feitos? De certa forma na passagem acima respalda tão somente, acerca da limitação que nos restringe, pelo fato de que como todas as criaturas que vieram de um mesmo elemento, gerados do pó, da mesma forma faz retornar a ele, e parece enfático no que foi exposto que o pó pelo qual o homem foi feito e gerado, não difere em nada do pó que gerou um animal? Que somente haverá de ser distinguido pela forma como Deus cria e sopra o Seu Espírito no homem, fazendo dele "uma alma vivente"? Mas se existe uma alma nos animais, que o faz mover, e do que distingue? O sopro de Deus que emite do Seu Espírito, nas narinas do homem é o divisor de águas? Dito é: "formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn.2:7). A formação dos animais provavelmente possa ter sido em série, não tenha sido modelado da mesma forma que Ele tenha criado a essência humana, ainda que sendo matéria como toda matéria é se putrefaz, quer seja coisa animada ou inanimada? Todavia, a natureza tricotômica do homem (**corpo, alma e espírito**) o eleva a uma instância superior além de simples criatura: **"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus"**. (Romanos 8:16).

*** *Wikipédia, a enciclopédia livre***

**** *Texto do livro A simbologia da Soberba Humana
(volume 1), de Denilson Marques.***





Este livro foi composto em Soleil
pela Editora Autografia e impresso
em papel offset 75 g/m².

A MORTE FAZ PARTE DA VIDA?

DANTE NEGRO

Uma reflexão sobre finitude, fé, razão e o sentido de viver.

SOBRE O LIVRO

Em *A morte faz parte da vida?*, Dante Negro investiga uma das perguntas mais antigas da existência humana: qual é o sentido da morte e o que ela revela sobre a própria vida? Transitando entre filosofia, teologia, experiência humana e referências bíblicas, o autor examina o medo de morrer, os limites da razão diante do desconhecido e a possibilidade de uma existência além da morte. A obra não reduz a questão a um simples sim ou não: reconhece a morte como parte do ciclo biológico, mas amplia o debate, segundo a perspectiva cristã do autor, para a ressurreição, o juízo e a vida eterna. Ao final, a consciência da finitude se transforma em um chamado: se a morte faz parte da vida, vivamos com sentido, fé e responsabilidade.

SOBRE O AUTOR

Dante Negro, pseudônimo de Denilson Marques, é natural do Rio de Janeiro. Escritor, poeta, ensaísta, artista plástico e designer gráfico, é servidor público e possui formação em Filosofia (UERJ), Teologia (IBADERJ), Psicanálise e pós-graduação em Psicanálise (SETEAD). Participou de coletâneas de poesia e contos desde a década de 1990, recebeu menções honrosas em literatura e artes plásticas e publicou diversos livros de poesia, ensaio, filosofia e reflexão.